

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

274

INSCRIÇÕES 910-914



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2025

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL



910-914

MAIS MARCAS E GRAFITOS DE *CONIMBRIGA*

Recolhas em escavações arqueológicas recentes, achados ocasionais que são naturais num sítio arqueológico, identificação de peças até aqui negligenciadas em reserva – são estas as circunstâncias de mais este pequeno conjunto de grafitos sobre *instrumenta* provenientes de *Conimbriga*, pequeno córrego que se junta ao rio infundável que vai fazendo crescer o *corpus* epigráfico da cidade.

910

Marca A sobre tijolo de coluna

Em 2023, durante limpezas no limite da área visitável das ruínas, imediatamente a oeste da Casa da Cruz Suástica, encontrou-se um tijolo de coluna com uma marca grafitada *ante cocturam*.

O tijolo pertence ao tipo 3.2a de Triães¹, correspondendo aos tijolos dos quais seis compunham cada fiada, com 15,1 cm de raio, c. 14,5 cm de corda e 5,7 cm de espessura, o que corresponde bastante exatamente à medida indicada para o exemplar-tipo (2 mm de desvio). O tijolo mostra ainda as aderências de argamassa, que, em parte, mascaram o grafito.

¹ Triães, R. 2003: *Estudo composicional e tipológico de materiais cerâmicos da civitas de Conimbriga* (Dissertação de mestrado). Aveiro: Departamento de Geociências da Universidade, 72-74.

A marca grafitada foi traçada em três movimentos: um círculo (em bom rigor, um elipsóide), com 4,1 a 3,5 mm de diâmetro; no centro deste, dois traços em ângulo com cerca de 2 cm de altura e 1,2 cm de largura; e um último traço ligeiramente curvo, que traça a barra do A mas o ultrapassa, desenhando quase um diâmetro no círculo.

Tijolos marcados com um simples A eram já conhecidos em Conímbriga², mas a presente marca constitui, certamente, o gesto de um indivíduo diferente que, ao invés da preferência pelo traço da letra com o dedo, a individualiza pelo círculo, criando uma verdadeira sigla individual, que são também frequentes na cidade, designadamente em pesos de tear³.

911

Marca de *Carpus* sobre peso de tear

Nas escavações levadas a cabo na chamada Casa do Tridente e da Espada, foi encontrado um peso de tear epigrafado, com um grafito *ante cocturam*, que ora se publica.

O peso de tear tem como referência de escavação 2011. CTE.7(49), o que corresponde a uma das unidades estratigráficas relacionadas com as transformações pós-abandono do edifício, afetadas por fatores pós-deposicionais⁴. O contexto não aduz, portanto, informações cronológicas significativas.

O peso de tear define-se como um paralelepípedo com 105 x 75 x 45 mm de dimensões máximas, com as arestas muito boleadas pelo uso. A 25 mm de um dos topos, existe uma pequena perfuração com cerca de 5 mm de diâmetro. Pertence, portanto, à

² Étienne, R.; Fabre, G.; Lévêque, P. e M.; 1976: *Fouilles de Conimbriga II. Épigraphie et Sculpture*. Paris: MAFP/MMC; n° 385, 174-175.

³ Alarcão, J.; Étienne, R.; Alarcão, A. M.; Ponte, S.; 1979: *Fouilles de Conimbriga VII. Trouvailles diverses, Conclusions générales*. Paris: MAFP/MMC, pl. XIV-XVI.

⁴ Vieira, T. G.; Ferreira, A. F.; Correia, V. H.; 2021: “A desagregação do espaço urbano I. Escavações na Casa do tridente e da espada”. In Ruiivo, J.; Correia, V. H. (eds.) *Conimbriga diripitur. Aspetos das ocupações tardias de uma antiga cidade romana*. Coimbra: Imprensa da Universidade (*Humanitas Supplementum* 67), 145-161; cit. p. 147.

forma I, grupo B, dos pesos de tear conhecidos na cidade⁵.

Na base do peso, num campo epigráfico de 75 x 45 mm, grafou-se com letras com 20 a 25 mm de altura, desenhadas por uma ponta espessa e romba.

ĈARPI
De Carpo

O uso dos nexos confere ao grafito uma certa elegância, disposto de forma harmoniosa no espaço disponível, mesmo que as letras (nomeadamente o R) não sejam de traçado especialmente correto. Mas RR traçados desta forma estão documentados na cidade, em pesos de tear recolhidos em estratigrafia flávia⁶.

No topo do peso há restos de uma gravação, mas não parece tratar-se de qualquer tentativa de escrita, podendo ser mero acidente na cozedura da argila.

Carpus é nome de homem⁷ (literalmente “o que trincha”). O nome ainda não estava documentado em Conímbriga, nem aliás na Lusitânia, ainda que *Q. Fabius Carpus*, que morreu na Bética, se identifique como *Ulisitanus* (CIL II, 5497).

Nem I. Kajanto⁸, nem H. Solin e O. Salomies⁹, recenseiam o nome. Uma pesquisa no EDCS¹⁰ pelo nome *Carpus* devolveu 136 resultados, que se podem apreciar da seguinte forma: 114 provêm de Itália e 60 são escravos, libertos ou essa condição é traída por cognomes gregos; destes, 21 têm ligações à *familia Caesaris*. Há, portanto, uma conotação servil deste nome, talvez contraposta a um relativo prestígio associado a uma função tão especializada quanto a do *carptor*¹¹. E trata-se de um nome predominantemente usado em Roma e na Península Itálica.

⁵ Alarcão e Étienne 1979, 62-63.

⁶ Étienne *et alii* 1976, 203-204, n° 441.

⁷ Petrónio, *Satyricon*, 36.

⁸ Kajanto, I., 1982: *The Latin cognomina*. Roma: L’Erma di Bretschneider.

⁹ Solin, H.; Salomies, O.; 1994: *Repertorium nominum gentilium et cognominum Latinarum*. Hildesheim: Olms-Weidmann.

¹⁰ EDCS = Epigraphik-Datenbank Clauss/Slaby, acedido em <https://db.edcs.eu/epigr/hinweise/hinweis-en.html>, em 22/1/2025.

¹¹ Rich, A., 1861: *Dictionnaire des Antiquités Romaines et Grecques*. Paris: Firmin Didot, s.v.

Nas escavações realizadas entre 2019 e 2022 na chamada Casa de Andercus¹², encontrou-se um conjunto de três fragmentos, não adjacentes, de um prato de imitação de vermelho-pompeiano com um grafito *post cocturam* sobre o fundo externo. Os fragmentos têm como referência 2021.G VII.34(6), correspondente a um estrato relacionado como a ocupação tardia da ínsula¹³, o que, vista a cronologia da peça, obriga a classificá-la como material de arrasto.

O prato classifica-se facilmente como correspondente ao perfil c) e à pasta 3 da classificação das *Fouilles de Conimbriga*, oferecendo-se paralelos com a peça publicada com o número de catálogo 17. A sua cronologia é provavelmente da época de Trajano ou pouco posterior¹⁴.

Como ficou dito, gravou-se na superfície externa do fundo do prato um conjunto de três letras com 1/1,5 cm de altura, ocupando uma extensão de cerca de 3,5 cm (uma fratura, pouco importante quanto à afetação do texto, impede todavia uma medição exata), lendo-se:

QCA

Tratar-se-á de *tria nomina* abreviados, à semelhança de *Fouilles* II 318 (QFS, com interpontuação) ou 320 (TCA)¹⁵, ambos sobre peças de *terra sigillata*, mas com seis possibilidades distintas para o *nomen* e 20 para o *cognomen* (cingindo-nos apenas ao *index nomina* de Conimbriga¹⁶) qualquer tentativa de reconstituição é irrazoável.

¹² Correia, V. H.; Barraca, N.; Detry, C.; Tereso, J. P.; Vaz, F.; Oliveira, C.; 2024: “Trabalhos arqueológicos na Casa de Andercus (Conimbriga, prov. Lusitania) 2019-2022”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 26-27 (2023-2024), 157-195.

¹³ *Op. laud.*, 168-169.

¹⁴ Alarcão, A. M.; 1976: “Céramiques à engobe rouge non-grésé”. In Alarcão, J. *et alii*, *Fouilles de Conimbriga VI. Céramiques diverses et verres*. Paris: MAFP/MMC, 51-58 (cit. p. 52-54).

¹⁵ Étienne *et alii* 1976, 146-147.

¹⁶ *Op. laud.*, 225-227.

A revisão dos materiais em depósito no Museu (agora Nacional) de Conímbriga, que é tarefa que nunca está terminada, permitiu localizar a peça que se publica.

Este conjunto de fragmentos de *dolium*, permitindo a reconstituição da forma original, provém das Escavações Antigas (1929-1944) na cidade; não têm, por isso nenhum contexto arqueológico específico.

Trata-se de um grande vaso (86 cm de diâmetro máximo, altura provável de c. 80 cm), de forma piriforme invertida, provido de duas asas espessas, sub-anulares, sobre o ombro, que é decorado por um meandro entre dois filetes. O bordo fortemente reentrante é espessado no interior, formando uma boca quase plana (26 cm de diâmetro) no topo do vaso. Quanto à produção, estamos perante uma peça de argila alaranjada grosseira¹⁷, com as superfícies oscilando entre o vermelho (Munsell 2.5YR5/6) e o castanho claro (Munsell 10YR6/3), com o cerne cinzento acastanhado (Munsell 10YR5/2) em certas zonas. A dimensão do vaso explica a irregularidade da cozedura.

A tipologia do *dolium* levanta alguns problemas. A forma do bordo e a conformação das asas correspondem muito bem ao *dolium* de tipo *Fouilles de Conímbriga* V n.º 428, uma peça que foi descartada na destruição do *forum*¹⁸, sendo certamente de data anterior. A forma do vaso, no entanto, não corresponde a este tipo, sendo mais próxima de vasos como tipo *Fouilles de Conímbriga* V n.º 1070 (um tipo sem atribuição estratigráfica segura). Mas conhecem-se *dolia* deste tipo nas imediações de Conímbriga, nomeadamente no sítio de Areias¹⁹, de onde

¹⁷ Alarcão, J., 1975. *Fouilles de Conímbriga V. La céramique commune locale et régionale*. Paris: MAFP/MMC, 72, 101, 122.

¹⁸ Op. laud., 153; cf. Alarcão, J.; Étienne, R., 1977. *Fouilles de Conímbriga I. L'architecture*. Paris: MAFP/MMC, 178-179.

¹⁹ Carrato, Ch., 2017. *Le dolium en Gaule Narbonnaise (Ier s. a. C. – IIIe s. p. C.). Contribution a l'histoire socio-économique de la Méditerranée nord-occidentale*. Bordéus: Ausonius (Mémoires, 46), fig. 199, 4.

também provêm peças da tipologia antes mencionada²⁰, pelo que pode propor-se, com razoável segurança, que os vários tipos são produções diferenciadas, nomeadamente no que à sua capacidade diz respeito, mas contemporâneas e, provavelmente, saindo das mesmas oficinas. Integra-se no tipo 3 da tipologia recentemente avançada para estas peças na Lusitânia²¹. mas a sua cronologia, no estado atual da questão, não pode ser mais precisada do que entre os séc. I e V d. C.

A inscrição foi feita com uma ponta fina mas romba, antes da cozedura, no ombro do vaso, alinhada, ainda que imperfeitamente, sobre a faixa decorada. As letras cursivas têm cerca de 6 cm de altura e são regularmente espaçadas, ainda que o seu traço não seja muito firme.

A parte principal do grafito conservou-se num conjunto de cinco fragmentos, dos quais quatro adjacentes (Figura 5), onde se lê:

SILVAN[I]
De Silvano

Um outro fragmento destacado, mostra traços grafitados onde pode ler-se S, seguido de A (o que constituiria uma inscrição diferente da primeira) ou, mais provavelmente SIL..., com o traço do L traçado mais obliquamente (Figura 6). Esta hipótese mais económica parece realmente melhor e mostraria que o grafito com o nome era repetido dos dois lados do *dolium*, enquadrados pelas asas.

Silvanus é um nome romano comum e já bem documentado em Conímbriga entre os séc. I e II d. C.²². É de assinalar que uma das atestações do nome é sobre um peso de tear pelo que, a tratar-se de um mesmo indivíduo, ou de homonímia familiar, poderemos estar perante mais uma evidência do desenvolvimento

²⁰ Fouilles V 428. Pessoa, M., 1986. “Subsídios para a carta arqueológica do período romano na área de Conímbriga”. *Conímbriga* 25, 53-73, cit. p. 57.

²¹ Quaresma, J. C.; Pereira, P.; Bombico, S., n.p.. “Dolia ex Lusitania”. In *Los dolia en las provincias de Hispania en época romana. Estado de la cuestión y perspectivas*. Tarragona: Trama/ICAC, no prelo. Agradecemos aos autores a gentileza da cedência do texto inédito.

²² Étienne *et alii*, 1976, nºs 27, 65, 412.

flexível e polimorfo da atividade económica de alguns habitantes de Conímbriga, aqui recobrando a produção têxtil e a agrícola²³.

914

Marca de *Turranius* sobre peso de tear

Em 2022, nos novos trabalhos arqueológicos no Vale Norte de Conímbriga no âmbito do projeto *Conímbriga MMXX. Avaliação do potencial científico e patrimonial do Vale Norte de Conímbriga* (2020-2024), revelou-se a existência de um novo compartimento da Casa dos Repuxos (A 59), reformulado e parcialmente aterrado durante as primeiras décadas do séc. II d. C.²⁴ Neste contexto de descarte exumou-se uma quantidade avultada de material arqueológico de distinta natureza²⁵, entre o qual, para além de outras novidades epigráficas já divulgadas²⁶, foi recolhido um peso de tear que revela marca desconhecida, até ao momento, em Conímbriga.

O peso, de cerâmica, de forma paralelepipedica, secção rectangular e um orifício, enquadra-se na tipologia mais numerosa registada na cidade, enquadrando-se na Forma I dos pesos de média dimensão (Grupo B)²⁷.

Dimensões: 6,3 cm de largura; 5,8 cm de altura (incompleto); 3 cm de espessura

Altura das letras: 1,8 cm.

No topo do peso encontra-se marca incisa obtida em momento anterior à cozedura (*ante cocturam*) e realizada por

²³ Correia, V. H., 2024. *Conímbriga: a vida de uma cidade da Lusitânia*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 157-159.

²⁴ Silva, R. C.; Ruivo, J.; Dias, V. (2023): “A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022”, In Arnaud, J. M.; Neves, C.; Martins, A. (coords.), *Arqueologia em Portugal 2023 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses/CEAACP/CEIS20/IA-FLUC, 679-691, cit. p. 682.

²⁵ Antunes, D. (2024): *Um contexto de descarte na Casa dos Repuxos em Conímbriga: a coleção cerâmica do compartimento 59*. (Relatório de Estágio de Mestrado). Coimbra: Faculdade de Letras.

²⁶ Silva, R. C., Antunes, D., Correia, V. H. (2024): “Um novo grafito de *Chresimus* em Conímbriga”, *Ficheiro Epigráfico*, 262, n.º 881.

²⁷ Alarcão *et alii*, 1979: 62-64.

objeto de ponta larga e não afiada. Admitindo que a grafia da marca inclui dois nexos, pode ler-se:

TVR

O que, em face da onomástica conhecida de Conímbriga, parece impor a leitura:

TVR(*ranii*)
De Turrânio.

Os *Turranii* são uma distinta família romana, de que um ramo se fixou, certamente por patrocínio individual, em Conímbriga²⁸ e aqui prosperou, conhecendo-se, aliás, aquele que foi possivelmente a sua raiz familiar, *Marcus Turranius Sulpicianus*, que, apesar da sua onomástica, se afirma indígena pela *origo* e pela *gens*: de *vico Baedoro gentis Pintonum*²⁹.

Os *Turranii* relacionam-se com as principais famílias de Conímbriga, os *Aurelii*, os *Valerii* e os *Sulpicii*³⁰, mas curiosamente estes nomes estavam, até agora, ausentes do *corpus* de grafitos ligados à produção industrial de material de construção ou têxtil ou à comercialização dos produtos das culturas agrícolas de rendimento, as áreas económicas onde os grafitos são mais comuns.

Estar-se-á, portanto, mais provavelmente, em presença do nome de um liberto da família.

VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA*

DIANA ANTUNES**

JOSÉ RUIVO***

RICARDO COSTEIRA DA SILVA****

²⁸ Étienne *et alii*, 1976, 32 e 92-93.

²⁹ *Fouilles* II 15, loc. cit.

³⁰ *Op. laud.*, 99.

* Museu Nacional de Conímbriga. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos UC.

** Mestre em Arqueologia e Território – FLUC

*** Museu Nacional de Conímbriga.

**** Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Centro de Estudos Interdisciplinares (CEIS20) UC.

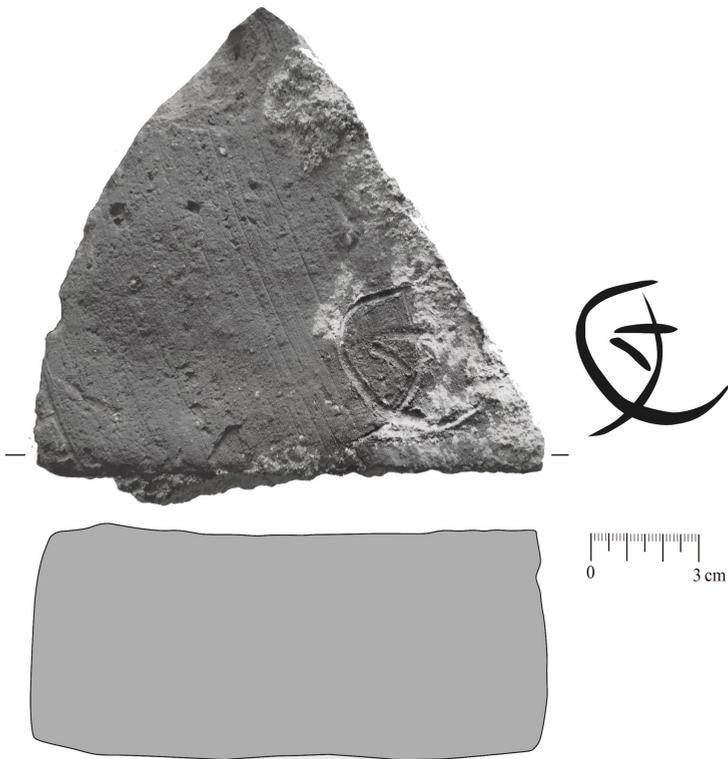


FIG. 1 – A marca A sobre tijolo de coluna.
(Desenho e foto: Sara Almeida).



FIG. 2 – O peso de tear com marca de *Carpus*.
(Desenho e foto: Sara Almeida).

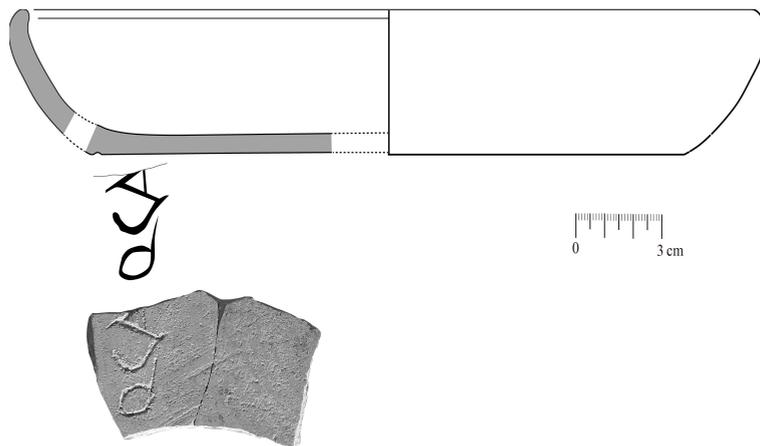


FIG. 3 – Prato de imitação de verniz vermelho com grafito QCA.
(Desenho e foto: Virgílio H. Correia; tratamento gráfico: Sara Almeida).

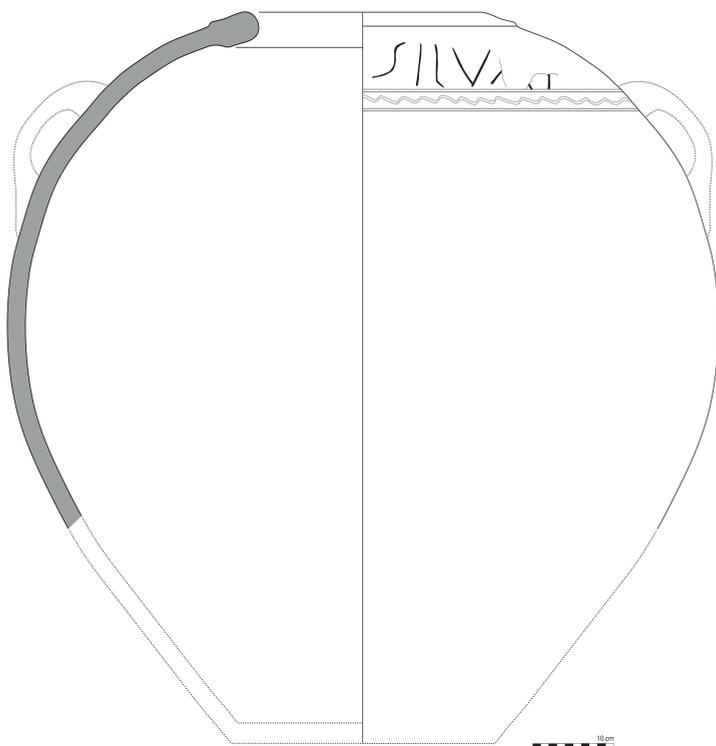


FIG. 4 – O dolium com grafito de Silvanus.
(Desenho: Virgílio H. Correia; tratamento gráfico: Sara Almeida).

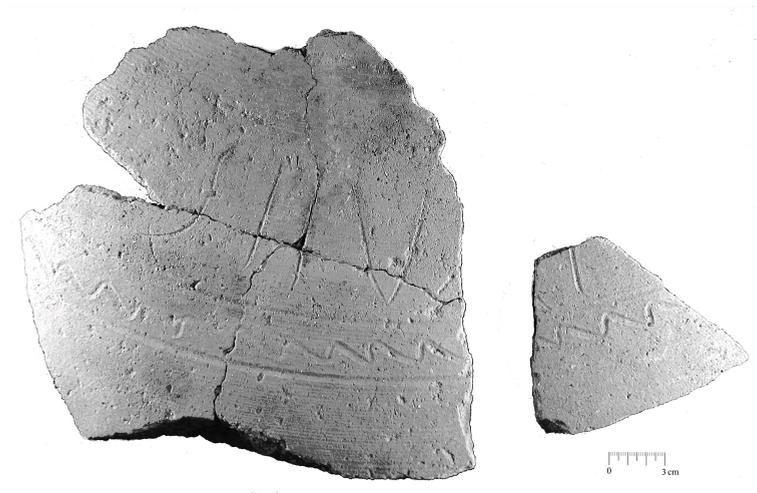


FIG. 5 – O grafito de Silvanus.
(Foto: Virgílio H. Correia; tratamento gráfico: Sara Almeida).



FIG. 6 – Fragmento de outro grafito do mesmo dolium.
(Foto: Virgílio H. Correia; tratamento gráfico: Sara Almeida).

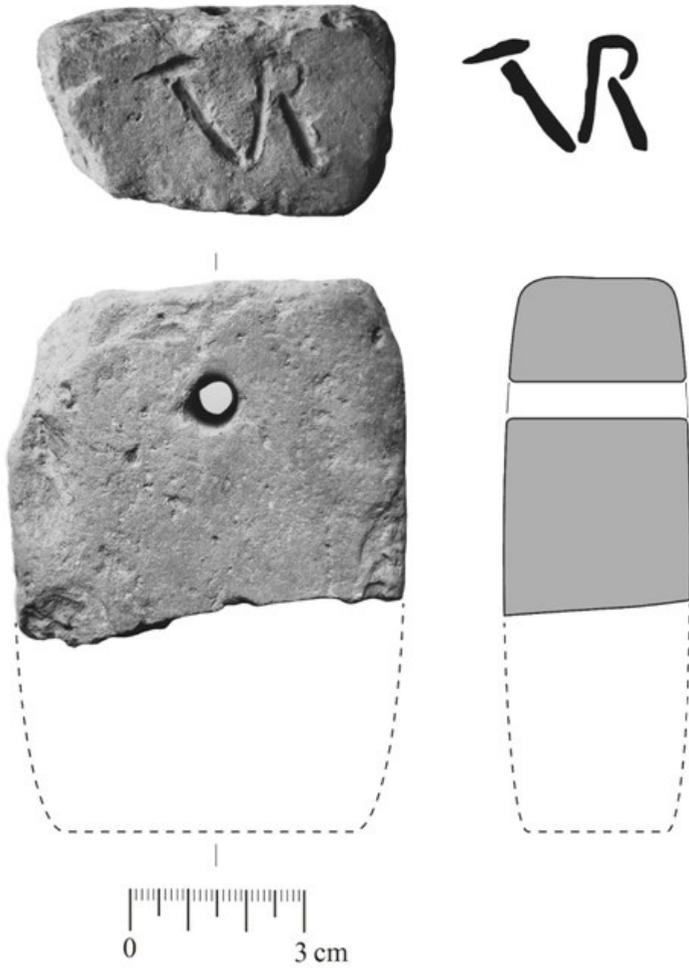


FIG. 7 – O peso de tear com marca de Turranius.
(Desenho e foto: Sara Almeida).